



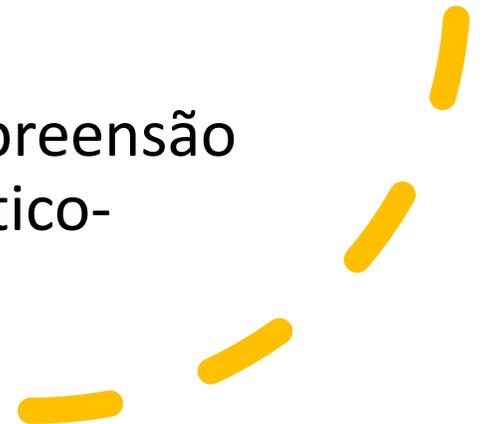
QUANDO O AMBIENTE VIRA PAISAGEM

FAU USP
AUP 0652 – PLANEJAMENTO DA PAISAGEM
2020.1

PROFa. CATHARINA PINHEIRO LIMA
MONITORA PAE - ANDREIA BEZERRA

(BUSCANDO)
UMA BASE
CONCEITUAL
PARA A
PESQUISA E
O PROJETO

- Espaço
 - Espaço livre/Sistema de Espaços Livres
 - Espaço Livre público/ Lugar Público/Pracialidade
 - Esfera Pública /Esfera de Vida Pública/de vida social/de vida cotidiana
- Natureza
- Ambiente /Ecologia da Paisagem/Infraestrutura verde-azul
- Paisagem/Filosofia da Paisagem/Apreensão sensível/Vivência/Experiência estético-sensorial/Percepção



- 
- **Termos polissêmicos**
 - **Conceitos – construções culturais**
- 

NATUREZA

- Do Latim ***Natura*** –raiz do particípio passado ***nasci*** – nascer
- Evoca **Nascimento**
- Em contraposição (?) à **CULTURA**
 - Do Latim ***Colere*** – vários significados, entre os quais habitar, cultivar
 - Evoca níveis de **Apropriação, Transformação**
 - (Keywords - Raymond Williams)

Georg Simmel (1858-1918)

*“Pelo termo **Natureza** , entendemos a cadeia sem fim das coisas, a criação e a aniquilação ininterruptas das formas, a unidade fluida do movimento de transformação, expressas pela continuidade da existência espacial e temporal.*

*Quando denominamos **Natureza** uma certa realidade, nos reportamos ou à sua qualidade interna, aludindo à sua diferença em relação à arte e ao artifício, ao mundo das ideias e da história, ou então ao fato de que tal realidade é o representante simbólico daquele ser global a que nos referimos acima e que nela podemos ouvir o estrondo do fluxo da natureza. Dizer “um pedaço de **Natureza**” é, na verdade , uma contradição em si; a natureza não tem pedaços; ela é a unidade de um todo, e quando se lhe destaca um fragmento, este já não é mais inteiramente natureza, pois ele só pode valer como tal no seio de uma unidade sem fronteiras, como uma onda desse fluxo global a que se dá o nome de **natureza.**” (A Filosofia da Paisagem, 1913 – Tradução Prof. Vladimir Bartalini)*

Anne Whiston Spirn – A natureza na cidade

- *“Para o olhar desatento, árvores e parques são os únicos remanescentes da natureza na cidade. Mas, **a natureza na cidade** é muito mais do que árvores e jardins, e ervas nas frestas das calçadas e nos terrenos baldios. **É o ar que respiramos, o solo que pisamos, a água que bebemos e expelimos e os organismos com os quais dividimos o nosso habitat.** A natureza na cidade é uma força poderosa que pode sacudir a terra, fazendo-a deslizar, deslocar-se ou desmoronar-se. É um grande clarão no substrato rochoso exposto numa encosta, os afloramentos rochosos em uma pedreira abandonada, os milhões de micro-organismos cimentados no calcário fossilífero de um edifício na área central. É a chuva e o barulho da correnteza dos rios subterrâneos enterrados no sistema de águas pluviais. É a água de uma pia, trazida por tubulações de algum rio ou reservatório distantes, usada e escoada pelo ralo, e retornando às águas do rio e do mar. A natureza da cidade é uma brisa noturna, um redemoinho girando contra a fachada de um edifício, o sol e o céu. A natureza na cidade são cães e gatos, ratos no porão, pombos nas calçadas, ratazanas nos bueiros, falcões encastelados nos arranha-céus.”*
- *“...É a consequência de uma complexa interação entre os múltiplos propósitos e atividades dos seres humanos e de outras criaturas vivas e dos processos naturais que governam a transferência de energia, o movimento do ar, a erosão da terra e o ciclo hidrológico. **A cidade é parte da natureza.**”*

O Jardim de Granito - (Anne Whiston Spirn)

“A natureza é um continuum, com a floresta num dos polos e a cidade no outro. Os mesmos processos naturais operam na floresta e na cidade. O ar mesmo contaminado, é sempre uma mistura de gases e partículas em suspensão...a cidade não é totalmente natural nem totalmente artificial.” (Tradução Prof. Paulo Pellegrino)

Ambiente

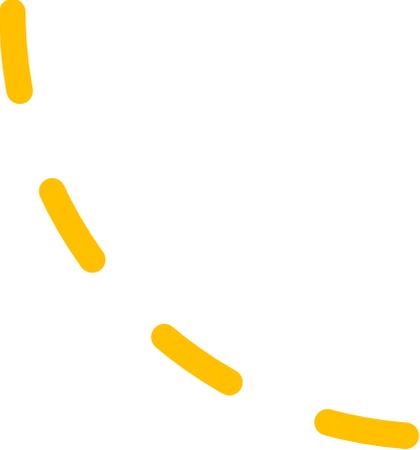
Originalmente do latim *ambientis* – *lugar, espaço, recinto; adj. envolvente; ambiência-do francês ambiance.*

Adquire conotações ecológicas, a partir da proposição de **Haeckel** (1866) para a emergente ciência da Ecologia.

“o ambiente não é ecologia, mas a complexidade do mundo; é um saber sobre as formas de apropriação do mundo e da natureza através das relações de poder que se inscreveram nas formas dominantes de conhecimento. A partir daí abre-se o caminho que seguimos para delinear, compreender, internalizar e finalmente dar seu lugar – seu nome próprio – à complexidade ambiental” (Enrique Leff *in* Epistemologia Ambiental).



*“O ambiente é o resultado das interações entre os processos socioculturais e os sistemas naturais (a base biofísica). Às suas **conFORMAções e conFIGURAções** nós atribuimos o nome de Paisagem”.* (Miranda Magnoli – Tese de Livre Docência)



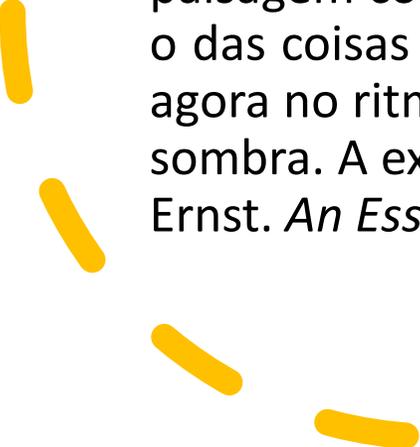
Paisagem

“... o português paisagem, introduzido no século XVI a partir do francês paysage, é usado tanto no sentido imediato de imagem pintada, como metaforicamente enquanto perspectiva do mundo” (Adriana Serrão – a partir do dicionário etimológico da língua portuguesa in Filosofia da Paisagem: uma Antologia)





A paisagem pode ser entendida como a totalidade que se expressa a partir do ponto em que ‘ela me afeta, eu a percebo, sinto, vivencio’. Nem está fora de mim e nem totalmente no meu interior, está no ponto de encontro entre um e outro, em uma relação sujeito – sujeito.



“Eu posso passear e sentir o fascínio da paisagem. Posso alegrar-me com a suavidade do ar, a frescura dos prados, a variedade e alegria das cores, o fragrante perfume das flores. Mas em seguida sinto que acontece uma mutação súbita no meu espírito. A partir deste momento vejo a paisagem com os olhos de artista, começo a fazer dela um quadro. Entrei num novo reino, não mais o das coisas existentes, mas o das ‘formas vivas’. Abandonada a realidade imediata das coisas, vivo agora no ritmo das formas espaciais, da harmonia e do contraste das cores, do equilíbrio entre luz e sombra. A experiência estética consiste neste absorver-se no aspecto dinâmico da forma (CASSIRER, Ernst. *An Essay on Man*. 1945, p. 133)

MELHOR LIVRO DE NÃO FICÇÃO DE 2015 SEGUNDO *THE NEW YORK TIMES*, *THE GUARDIAN* E *TIME*

ANDREA WULF

A
INVENÇÃO
da
NATUREZA

A vida e as descobertas de
ALEXANDER VON HUMBOLDT

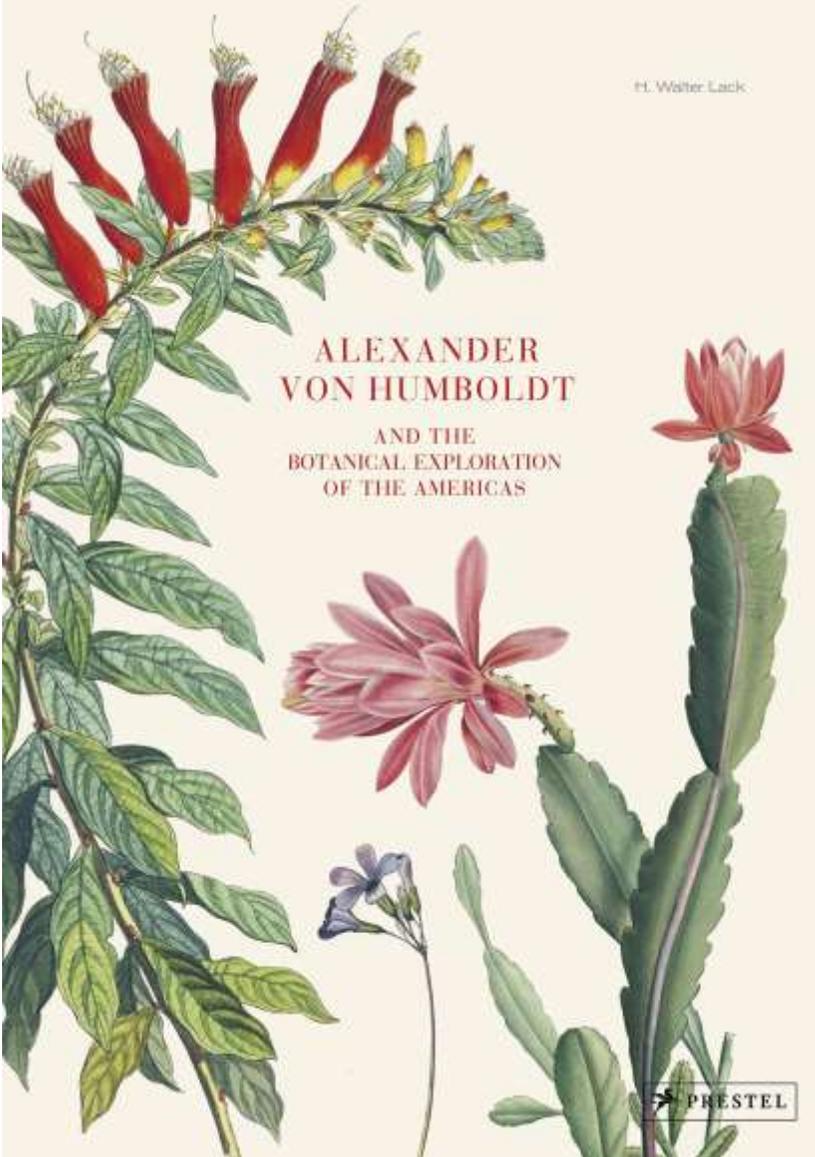


CRÍTICA



H. Walter Lack

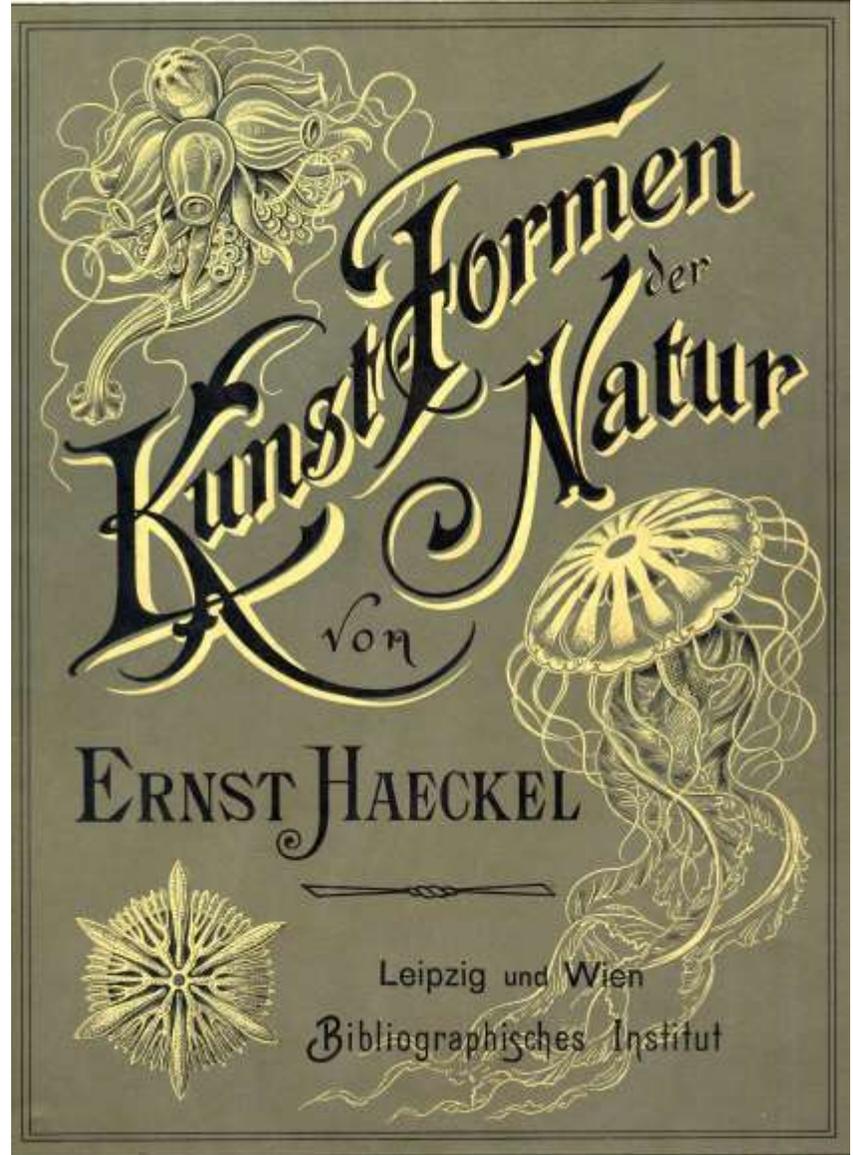
ALEXANDER
VON HUMBOLDT
AND THE
BOTANICAL EXPLORATION
OF THE AMERICAS

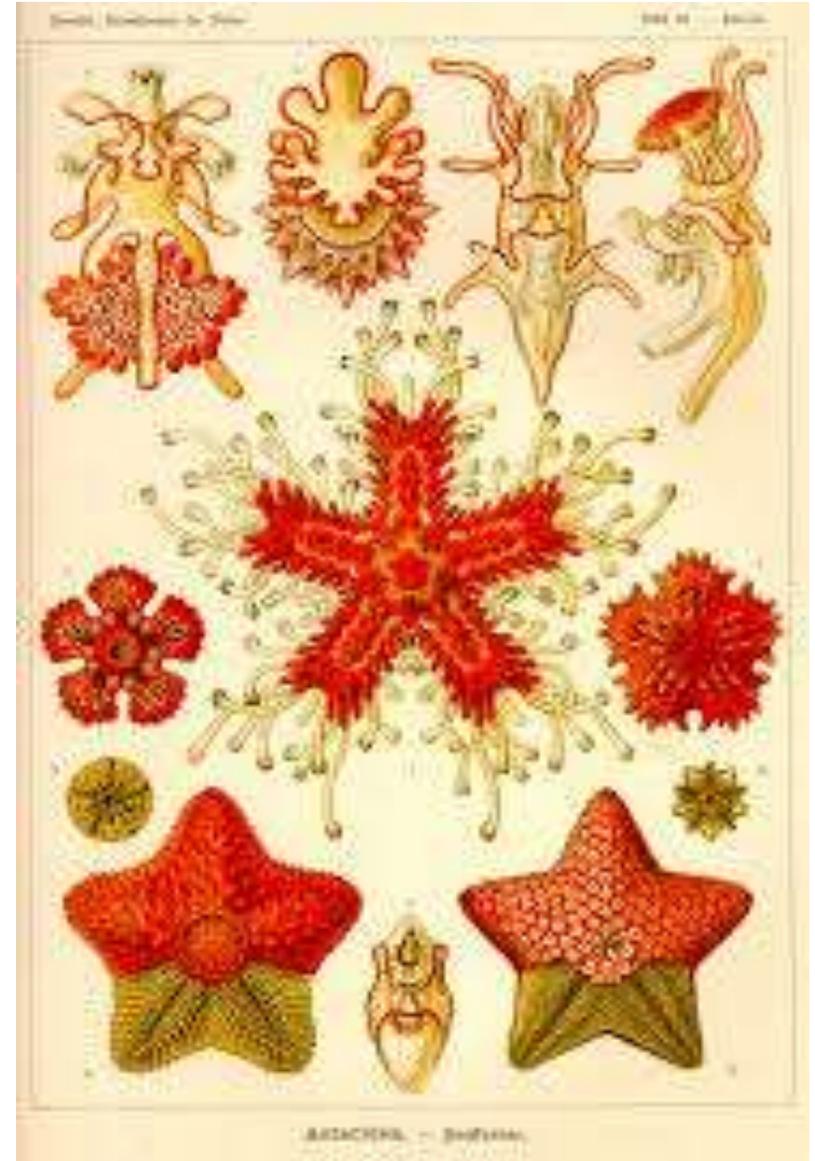


PRESTEL



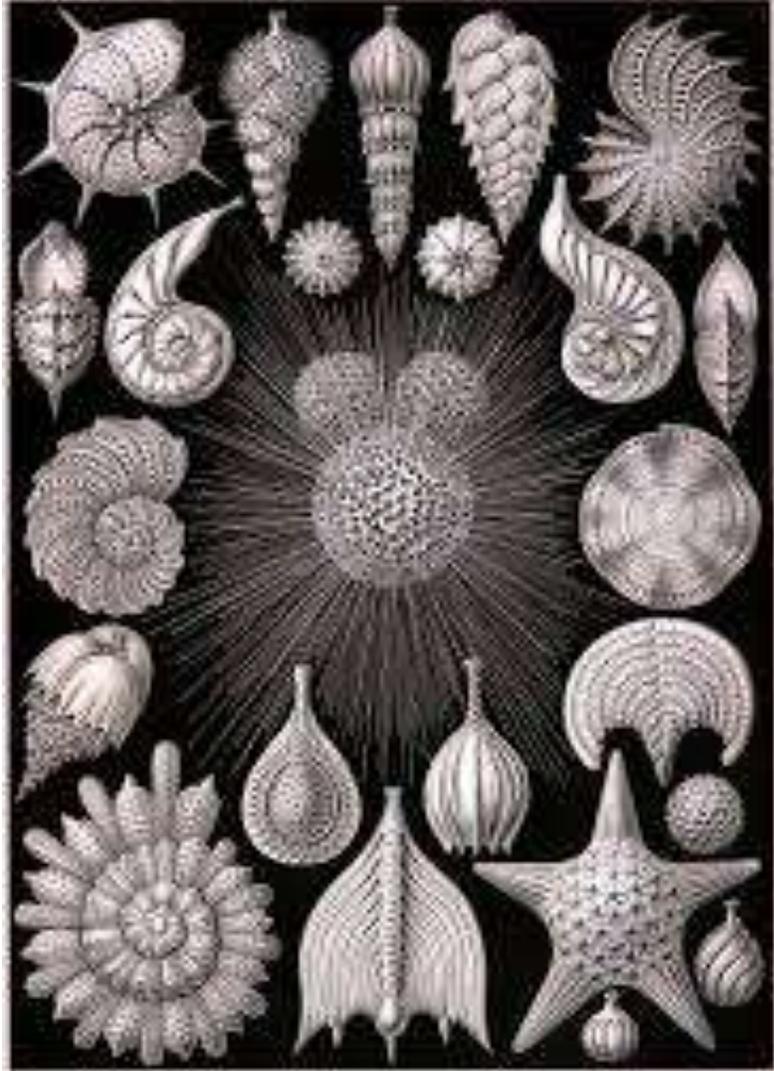
Actiniae. — Seeanemonen.







Spongiae - *Spongiae*



Thalassophora - *Thalassophora*

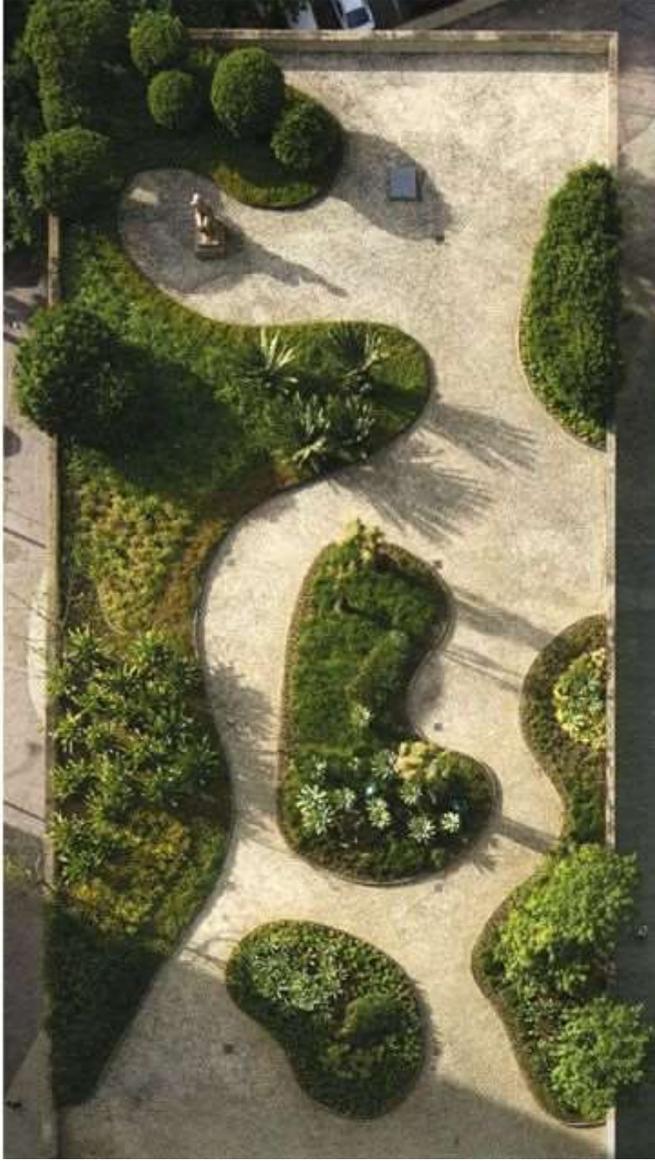
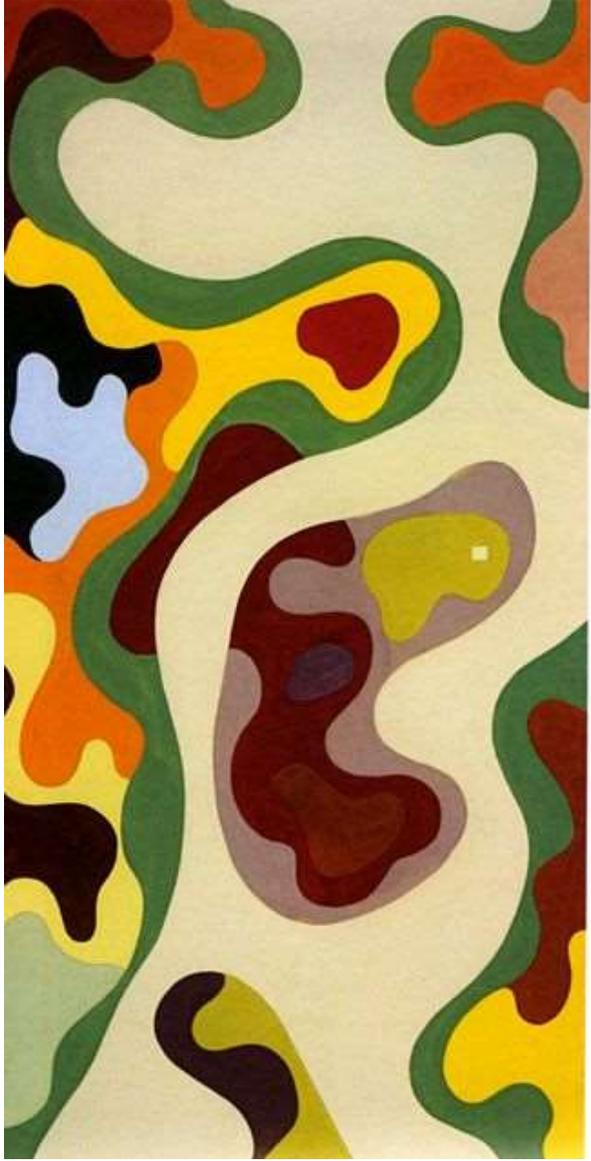
Fonte: Kunst-formen von der Natur.



ROBERTO BURLE MARX

Defensor da utilização da flora brasileira em projetos de paisagismo como “*uma forma de perpetuar espécies, de **manter coerência ambiental**, de fazer nosso povo compreender essa extraordinária riqueza que possuímos*” (MARX, 1980)



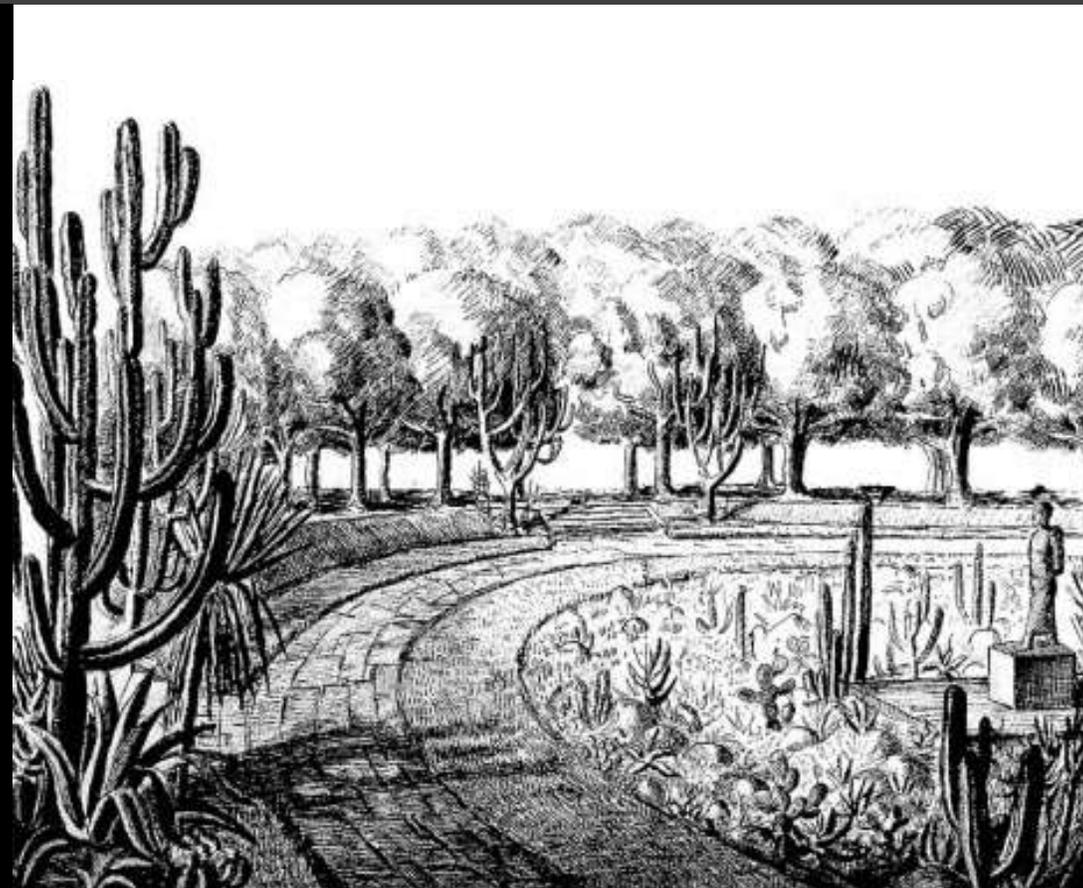


Palácio Capanema - Ministério da Educação e da Saúde (1947)



Praça Euclides da Cunha (Cactário da Madalena)

- “*um jardim com elementos colhidos nas nossas caatingas e nos nossos sertões*”
- destaca sua intenção projetual de ressaltar a imensa variedade de plantas oferecida pelas “*nossas mattas magníficas*”, e de “***semear, nos nossos parques e jardins, a alma brasileira***” (Diário da Tarde, 14/03/1935, p. 1, in SILVA, 2010, p. 157)



Praça Euclides da Cunha
Década de 1940. Imagem:
Manuel Francisco Maurício.
Fonte: Pernambuco Arcaico.



Praça Euclides da Cunha.
Vegetação xerófila e pedras em primeiro plano,
estátua "O Cangaceiro", de Abelardo da Cunha à
direita e alameda de árvores periférico ao fundo.
Fonte: Acervo pessoal, 2014.





Fernando Magalhães Chacel

Fernando Magalhães Chacel - 46º IFLA World Congress - Infra-estrutura Verde: Paisagens de Alto Desempenho (RJ/2009)



BARRA DA TIJUCA /RJ

Parque Educação Ambiental
Prof. Mello Barreto

Parque Gleba E



Cidade das Artes
Arquiterura Christian de Portzamparc









Modelo Mangue

Rhizophora mangle



Acrostochum aureum





Modelo Restinga













Modelo Parque





Gleba "E" – Parque da Quadra 9



Gleba "E" – Parque da Quadra 5





Parque Gleba "E"

A Fauna

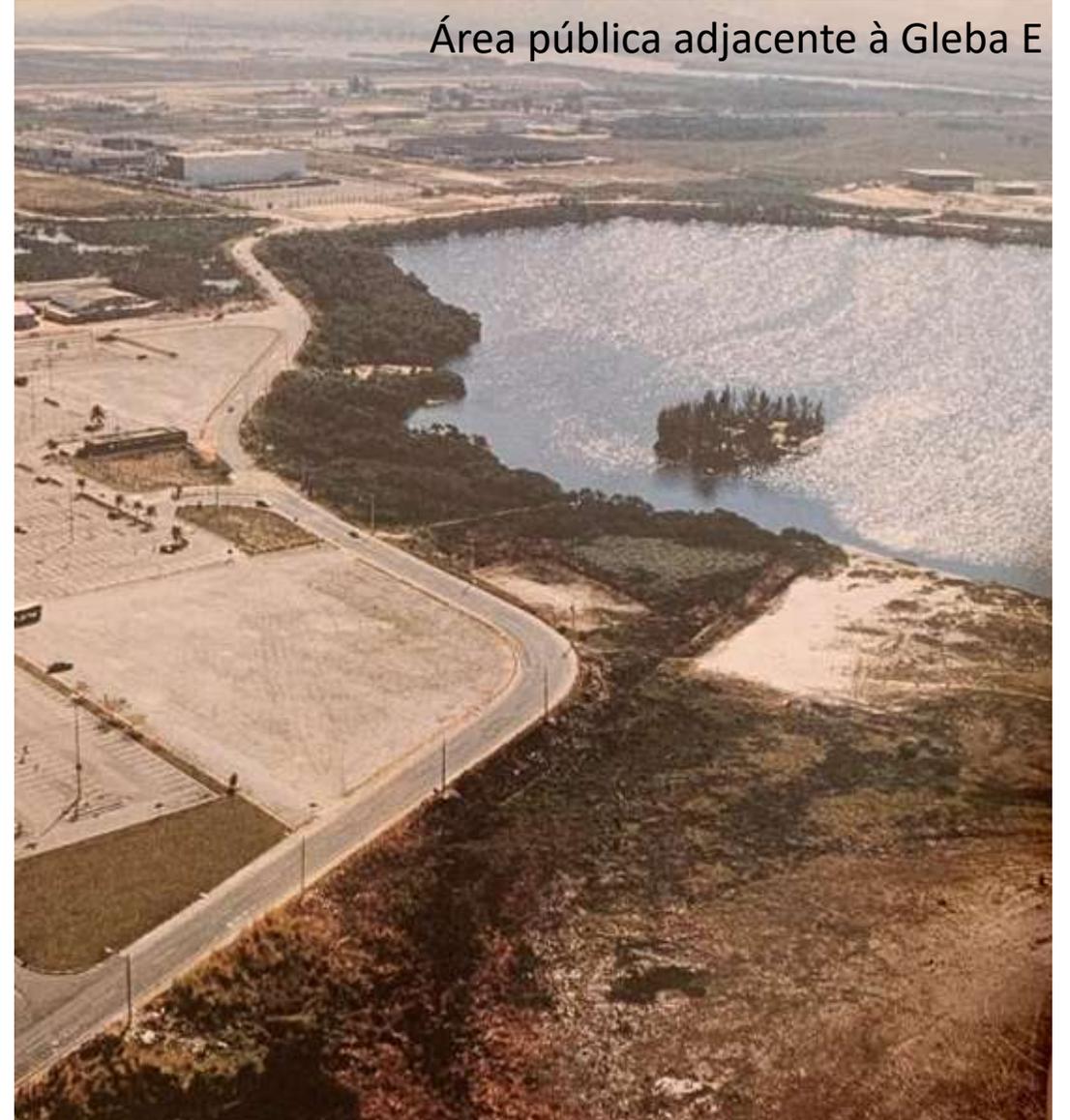


Parque Gleba "E"

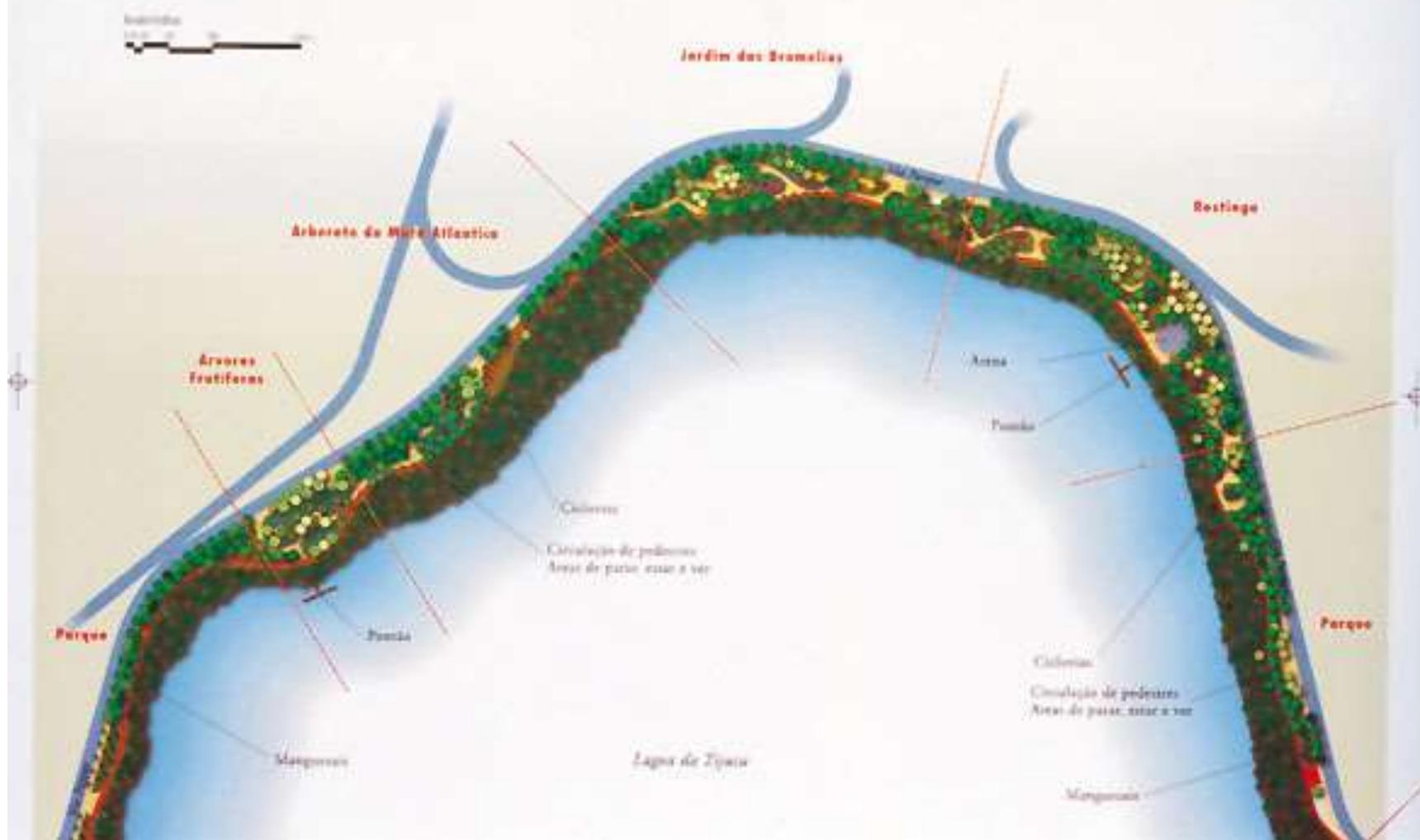
A Flora



Área pública adjacente à Gleba E



PARQUE DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL MELLO BARRETO



1996





Norantea brasiliensis



Processo metodológico

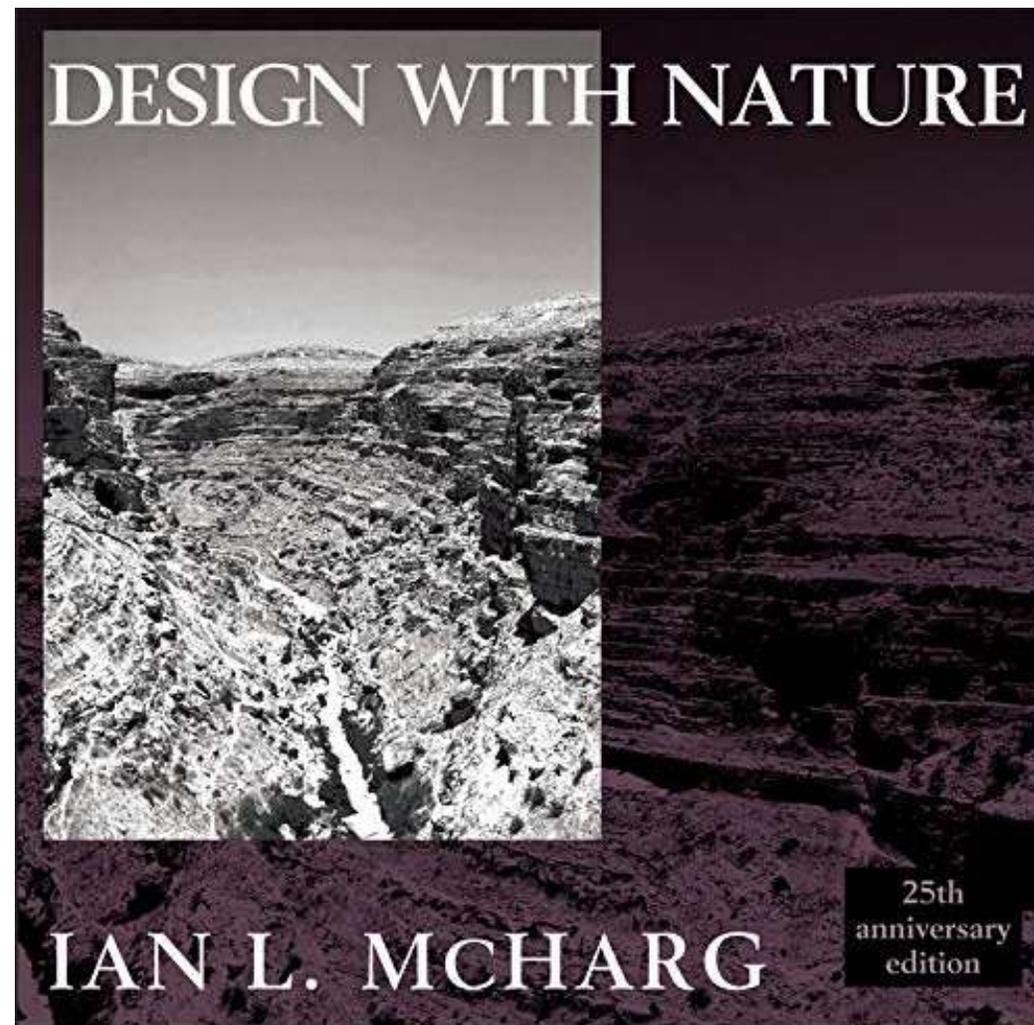
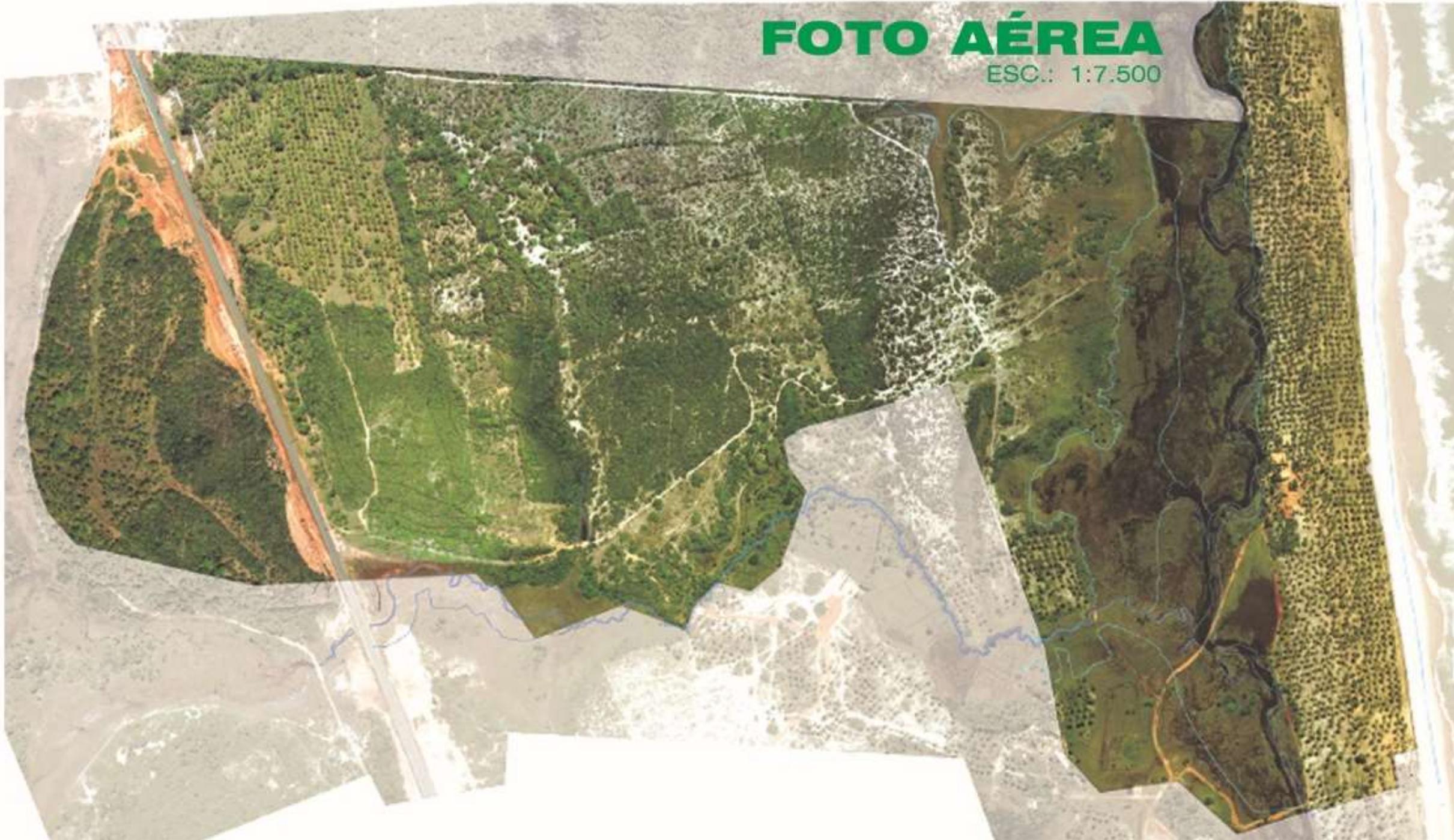


FOTO AÉREA

ESC.: 1:7.500



HIPSOMETRIA

ESC.: 1:7.500

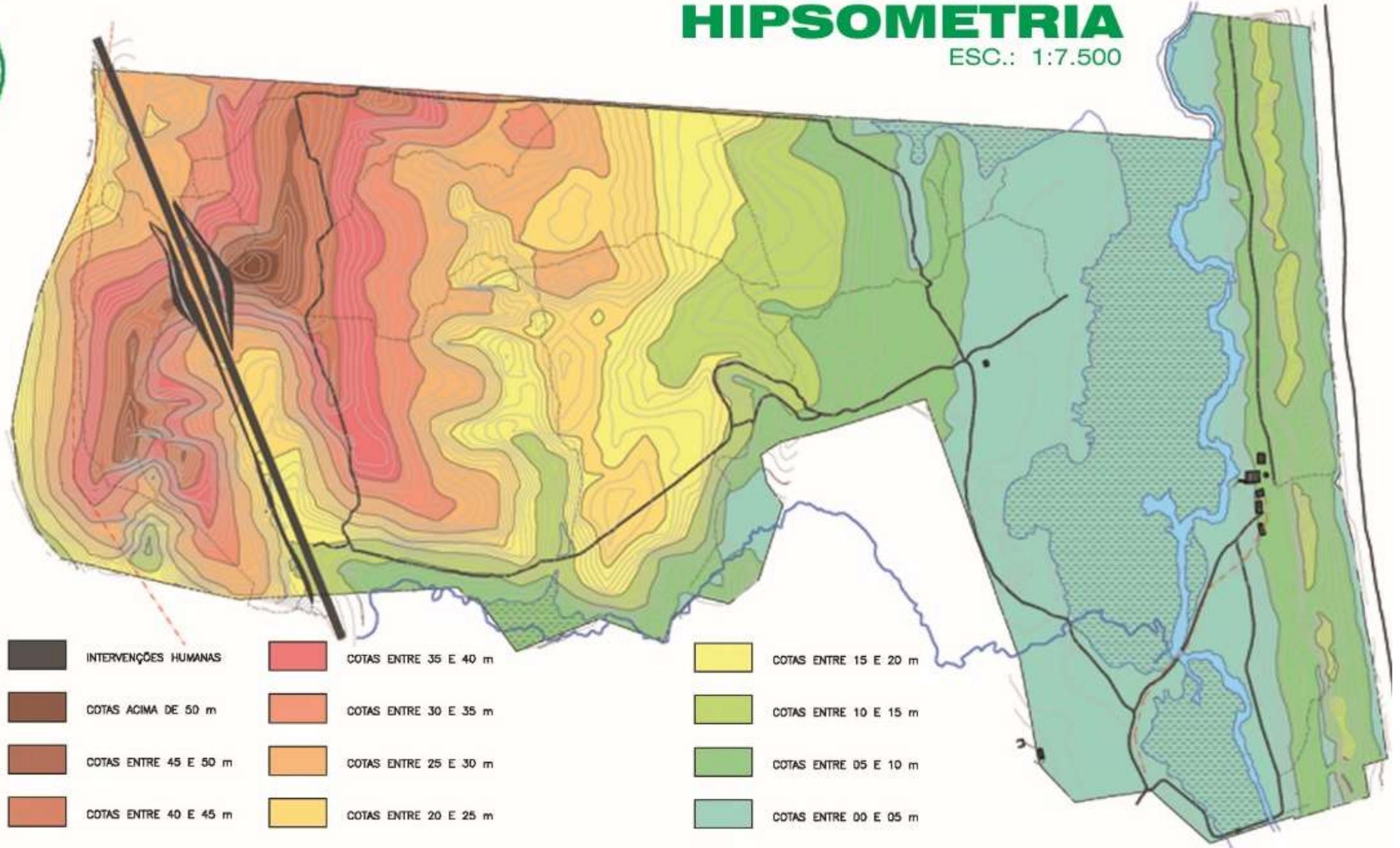
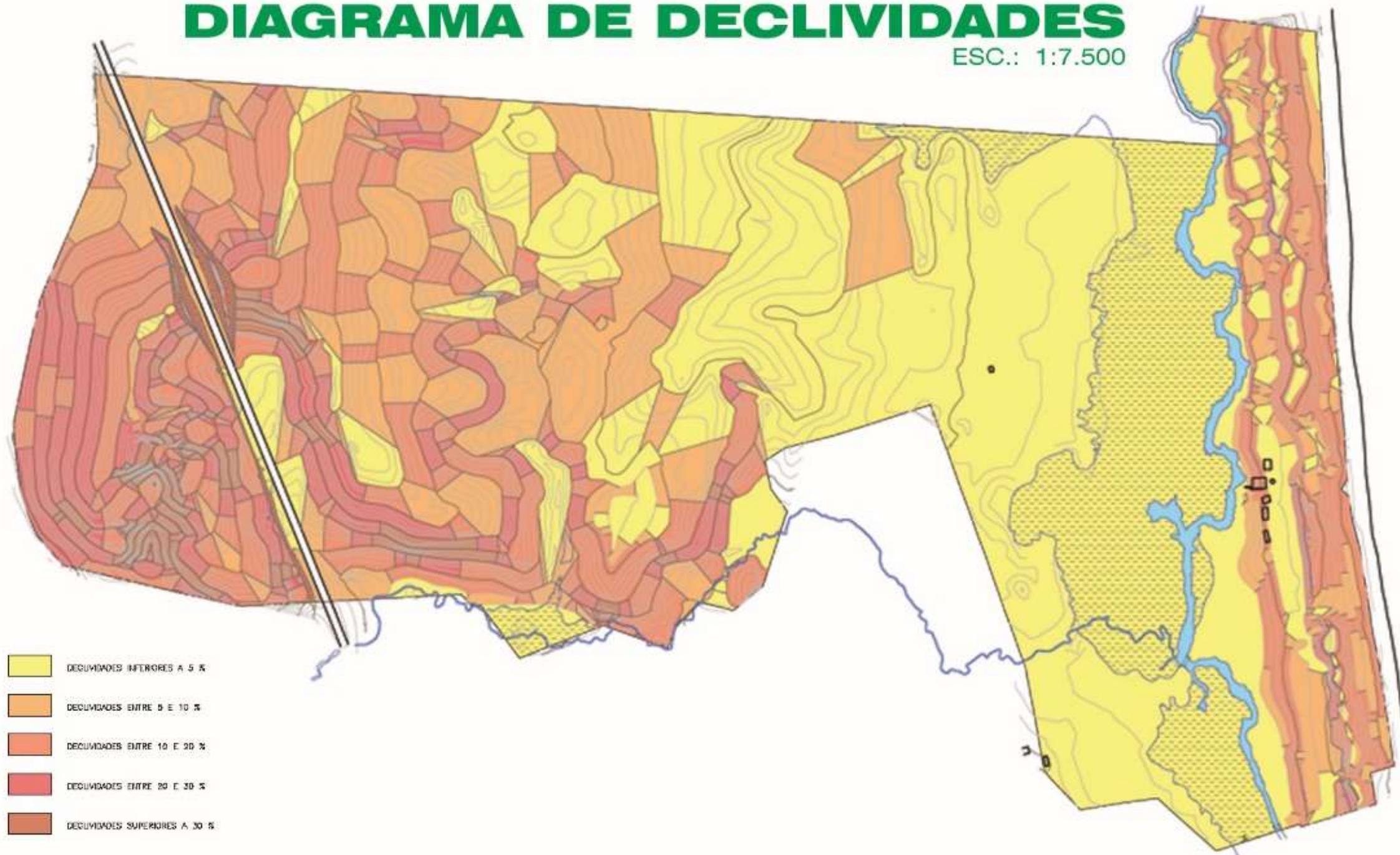


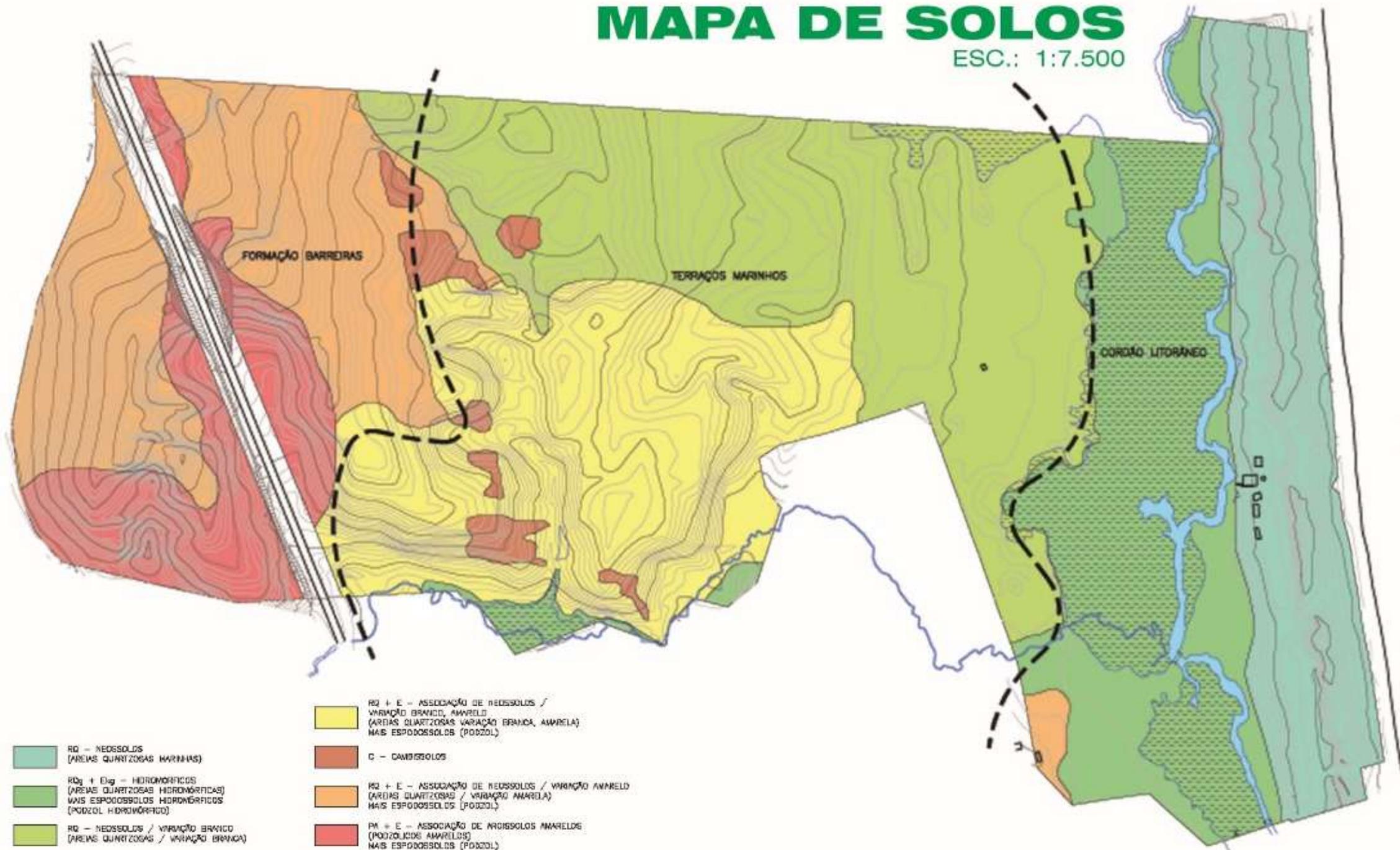
DIAGRAMA DE DECLIVIDADES

ESC.: 1:7.500



MAPA DE SOLOS

ESC.: 1:7.500

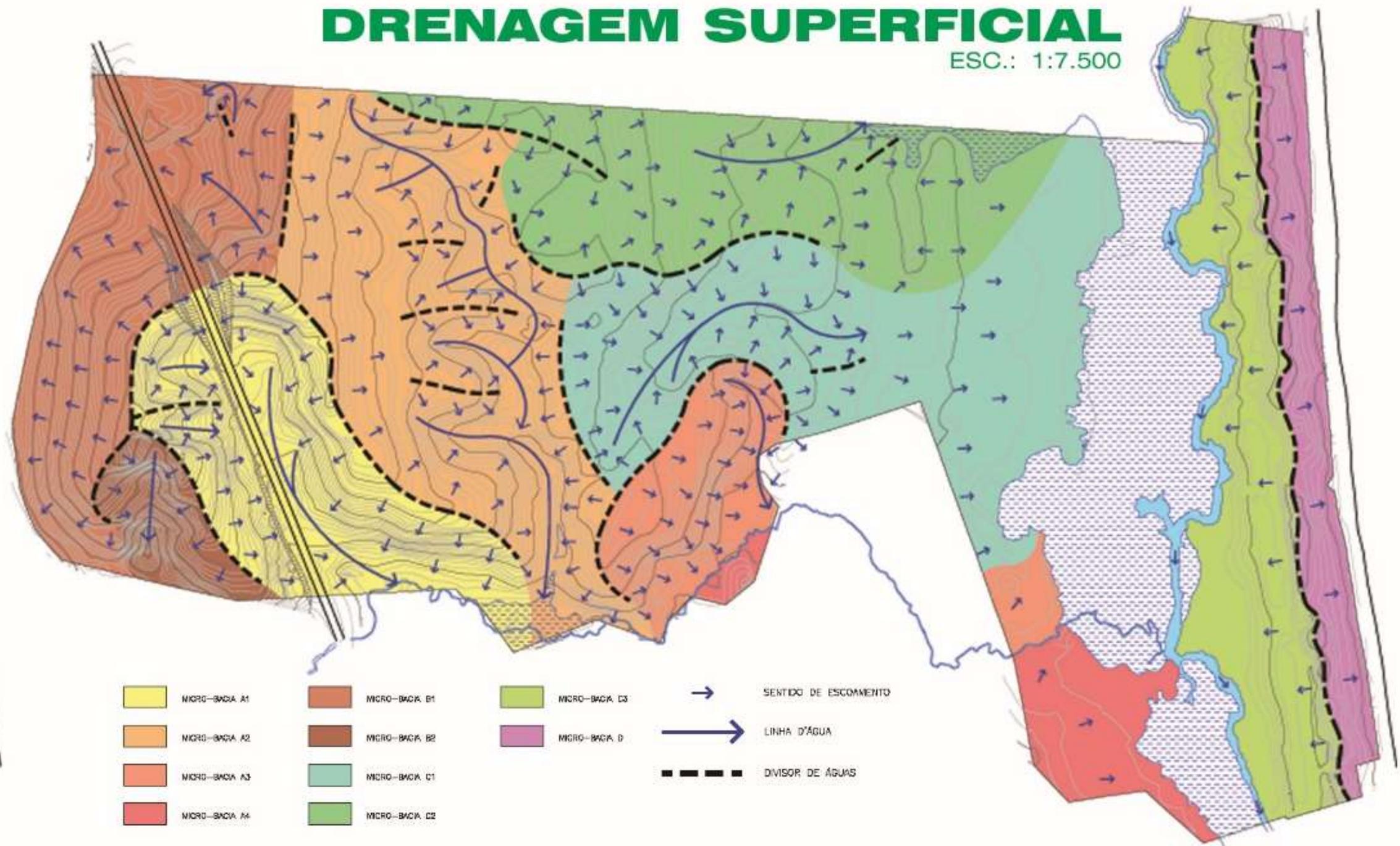


- RD - NEOSSOLOS**
(ÁREAS QUARTZOSAS MARINHAS)
- RD_g + E_g - HIDROMÓRFICOS**
(ÁREAS QUARTZOSAS HIDROMÓRFICAS)
MAS ESPODOSSOLOS HIDROMÓRFICOS
(PODZOL HIDROMÓRFICO)
- RD - NEOSSOLOS / VARIAÇÃO BRANCO**
(ÁREAS QUARTZOSAS / VARIAÇÃO BRANCA)

- R_g + E** - ASSOCIAÇÃO DE NEOSSOLOS /
VARIAÇÃO BRANCO, AMARELO
(ÁREAS QUARTZOSAS VARIAÇÃO BRANCA, AMARELA)
MAS ESPODOSSOLOS (PODZOL)
- C - CAMBISSOLOS**
- R₂ + E** - ASSOCIAÇÃO DE NEOSSOLOS / VARIAÇÃO AMARELO
(ÁREAS QUARTZOSAS / VARIAÇÃO AMARELA)
MAS ESPODOSSOLOS (PODZOL)
- PA + E** - ASSOCIAÇÃO DE NEOSSOLOS AMARELOS
(PODZOLICOS AMARELOS)
MAS ESPODOSSOLOS (PODZOL)

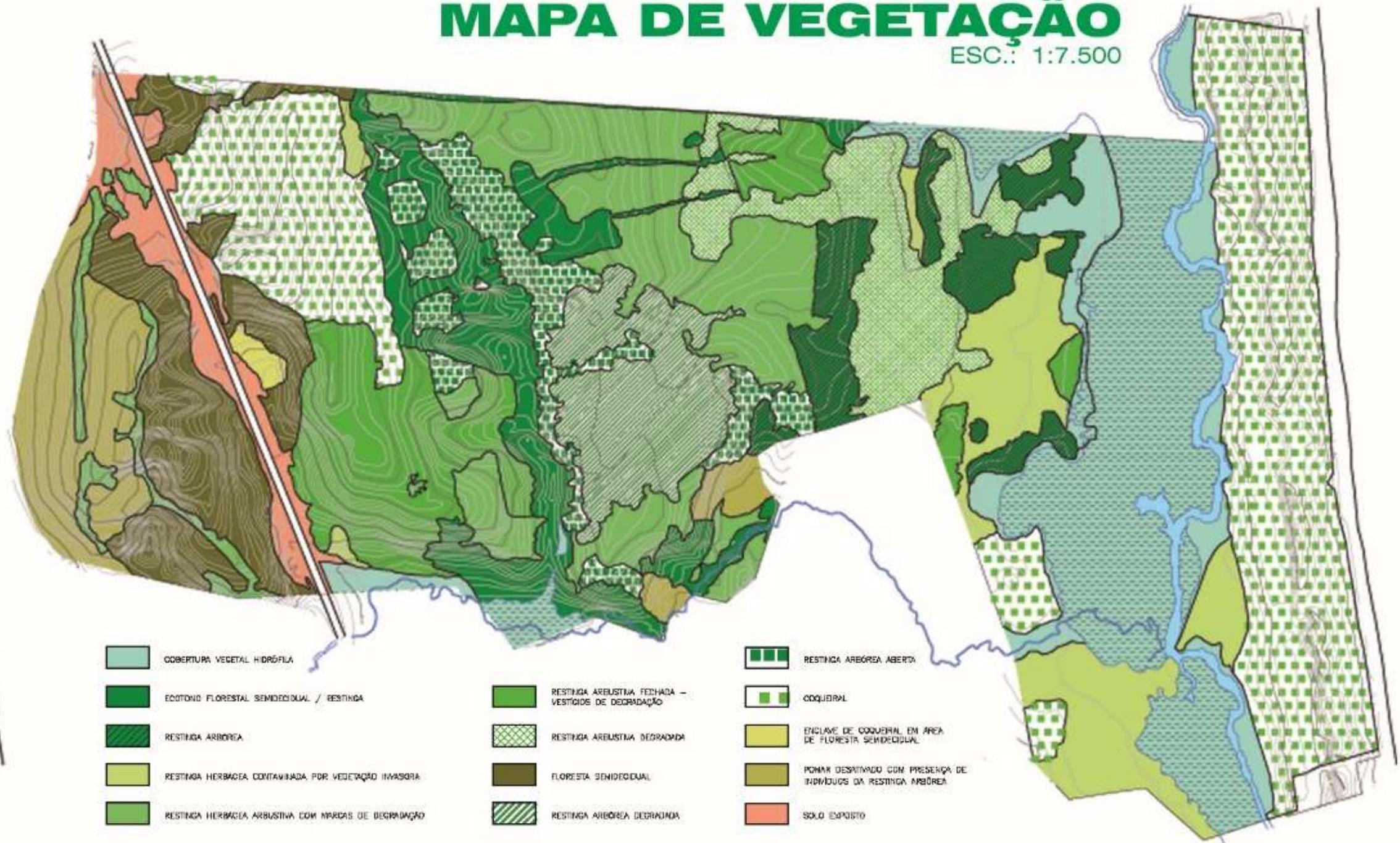
DRENAGEM SUPERFICIAL

ESC.: 1:7.500



MAPA DE VEGETAÇÃO

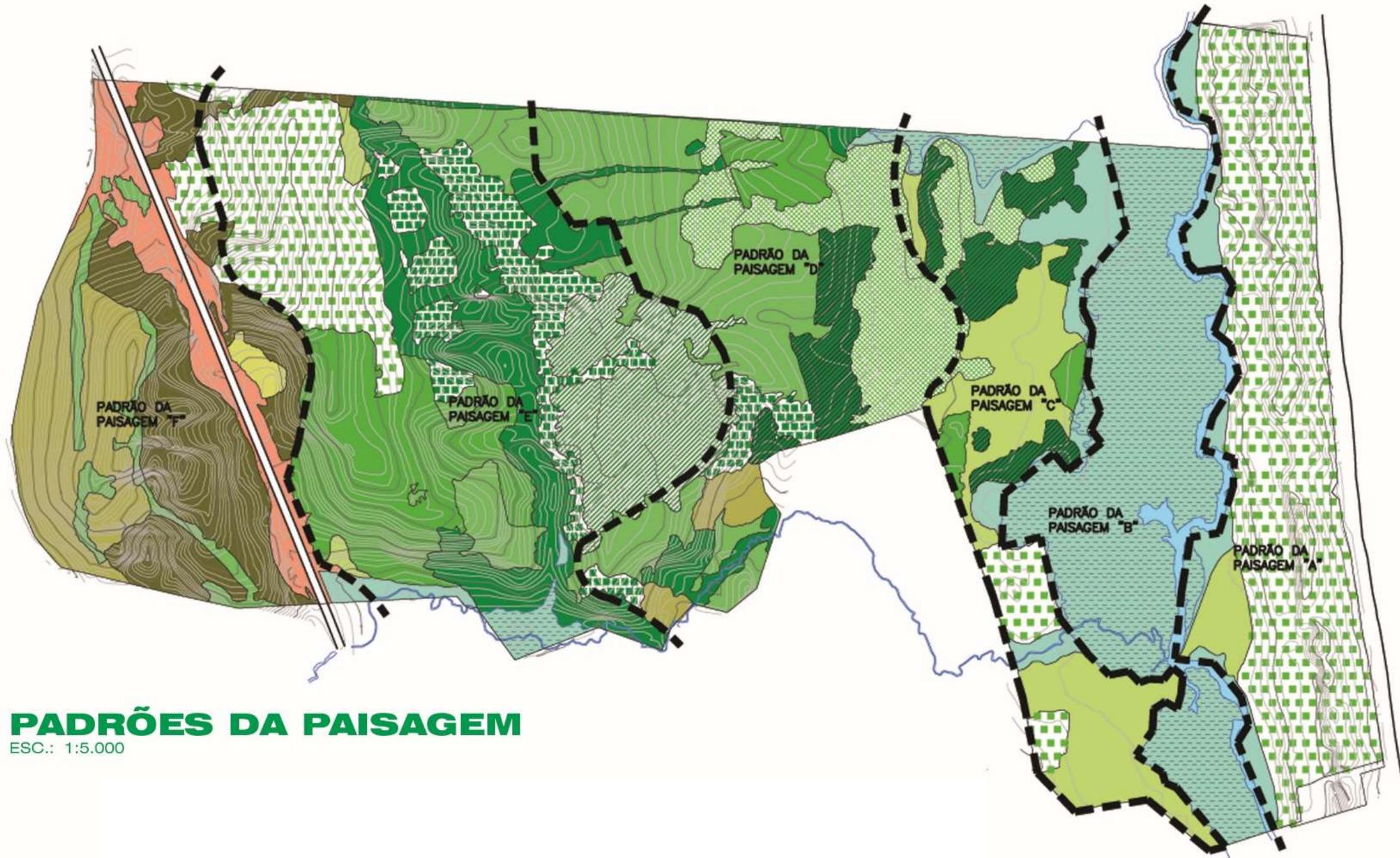
ESC.: 1:7.500



MAPA SÍNTESE

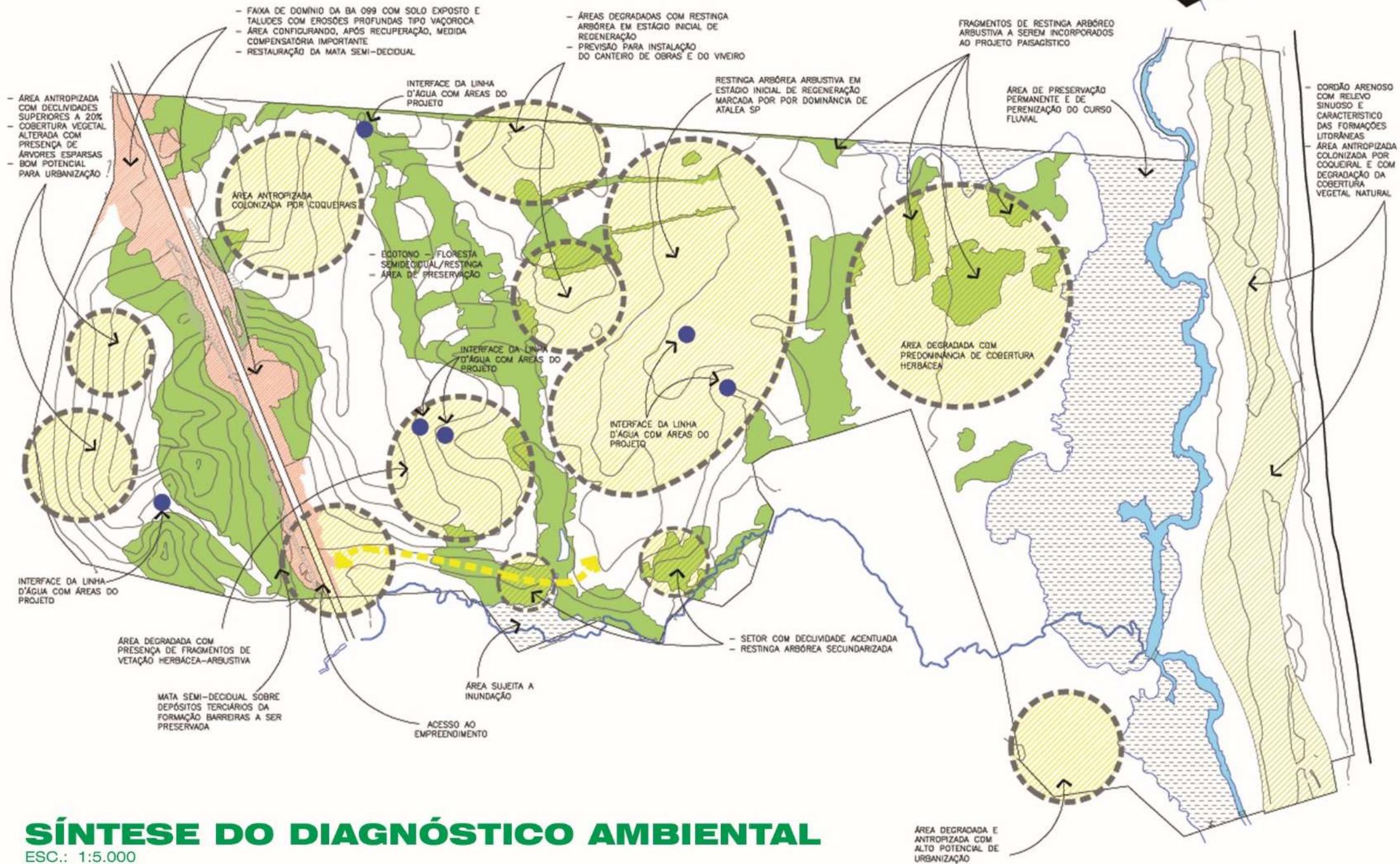
ESC.: 1:7.500





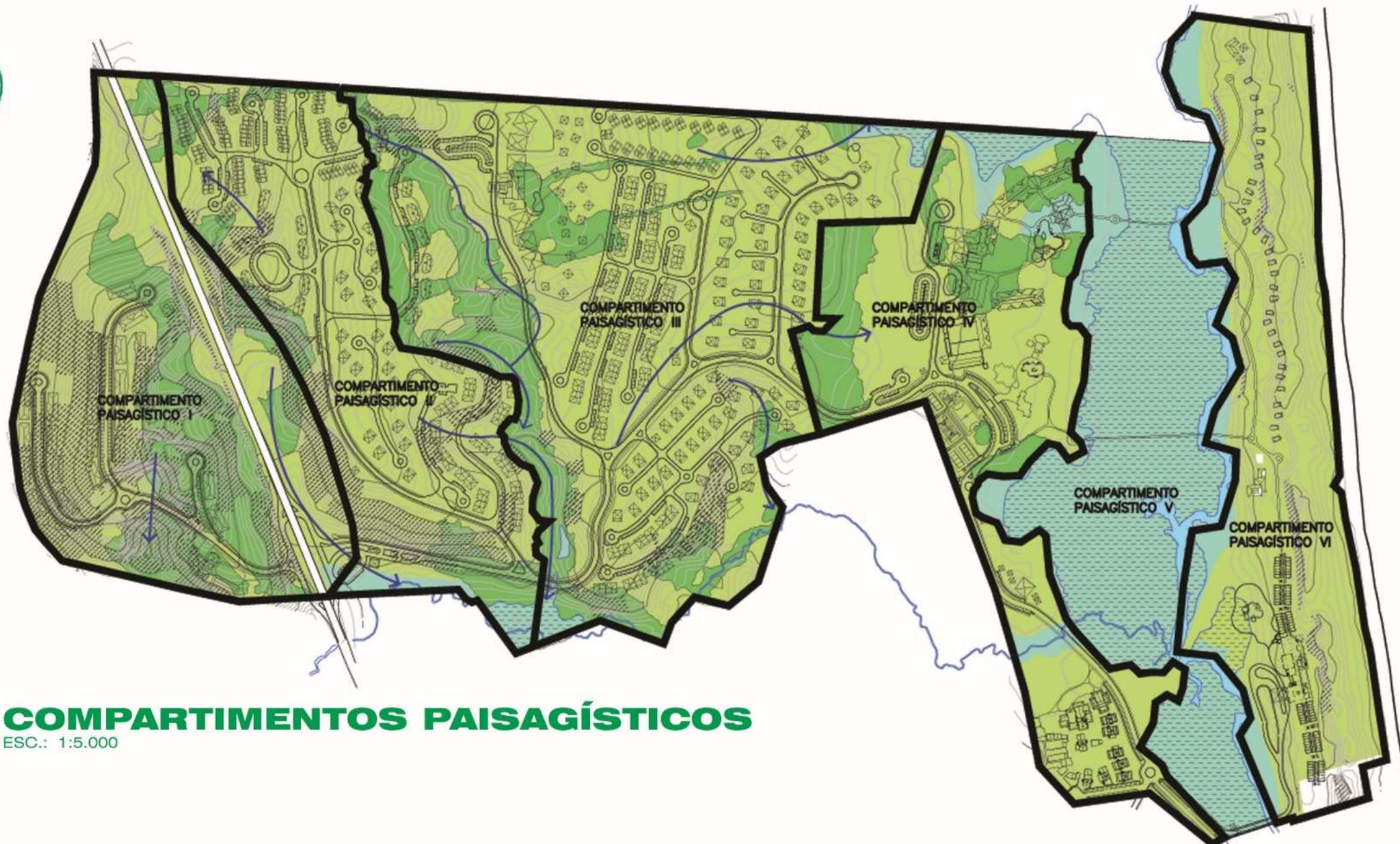
PADRÕES DA PAISAGEM

ESC.: 1:5.000



SÍNTESE DO DIAGNÓSTICO AMBIENTAL

ESC.: 1:5.000



COMPARTIMENTOS PAISAGÍSTICOS

ESC.: 1:5.000